

O SEGREDO DOS  
BRAGANÇA

RICARDO CORREIA

# O SEGREDO DOS BRAGANÇA

A verdade incómoda que Dom Carlos enfrentou  
para garantir o seu direito ao trono.





www.egoeditora.com  
geral@egoeditora.com

**Ficha Técnica:**

**Título** - O Segredo dos Bragança

**Autor** - Ricardo Correia

**Capa e composição gráfica** - EGO

**Imagem da Capa** - Rei Dom Carlos, domínio público

**Imagens da Contracapa** - Rainha Catarina de Bragança, por Peter Lely, em 1665  
- imagem do fundo e moldura - depositphotos©

**Revisão de Texto** - EGO

**Paginação** - EGO

**Edição** - EGO

**1ª Edição** - Abril 2017, Lisboa

**ISBN** - 978-1546489672

**Depósito Legal** - 426008/17

**Impressão e Acabamento** - Tipografia Lousanense

©2017, Ricardo Correia e EGO Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

*A todos os que acreditam  
que são capazes.*

# 1

1890

Os sinos das igrejas de Lisboa tocaram a rebate na fria madrugada. Bem no centro, o sino da Igreja de São Mamede começou por tocar levemente, juntando-se depois ao rebate dos restantes. Francisco Costa, há muito que temia e se preparava para este momento. Levantou-se da cama, passou um pouco da água de um jarro para o lavatório, no canto do quarto, e lavou as mãos e a cara. Morava no primeiro andar do antigo edifício da Real Fábrica das Sedas, ao Rato com a sua filha Constança. Com eles vivia também Ofélia, uma moça proveniente de uma família de aldeia que os servia desde a morte de Amélia, sua esposa.

Enquanto secava a cara, Francisco colocou-se à escuta, atentamente, tentando perceber se mais alguém estaria já acordado. Ouvia Ofélia sair do seu quarto, ao fundo do corredor, e depois a remexer algumas coisas na cozinha.

Atirou a toalha com que se secou para o alçado do lavatório em ferro e abriu a porta do guarda-fatos de onde retirou o uniforme da Marinha Real. Entre as outras peças de roupa penduradas, estava o seu manto, que utilizava sempre que estava em missão oficial da Irmandade da Cruz Santa. Hoje, contudo, não era o caso e o manto permaneceu pendurado. O dia era de se preocupar em passar a imagem de capitão da marinha real, e não a de brilhante espião e Grão-Mestre da Irmandade ao serviço do rei dom Carlos.

Apesar dos seus quarenta anos, o treino constante a que se sujeitava diariamente, ajudava a que mantivesse uma aparência jovial, sem um único cabelo branco que maculasse a sua farta cabeleira negra. Graças a esta preparação física, que não descuidava nem por um momento, o uniforme da marinha assentava-lhe que nem uma luva.

Uma após a outra, vestiu cuidadosamente todas as peças, olhando-se ao espelho enquanto se aprumava. Deitou a mão à cómoda, e abriu a caixa na qual se encontravam todas as condecorações que havia recebido ao serviço de Suas Majestades. Afivelou-as, colocando-as perfeitamente alinhadas. Deixou para o fim a grã-cruz com que dom Luís o agraciara em Cascais, poucos meses antes de morrer. Apertou os cordões dos sapatos, e mesmo antes de fechar a tampa da caixa, retirou do seu interior um envelope com as insígnias da Marinha Real. Abriu-o e lá dentro, estava um cartão com as mesmas insígnias gravadas no espesso papel, já escrito anteriormente, quando tivera tempo para pensar na ameaça que pairava sobre o país.

Na rua, os sinos não paravam de dobrar, uns ouvindo-se melhor do que os outros, consoante a proximidade. Sabia distingui-los pelos toques e agora ouvia os sinos de Santa Isabel, de São Mamede e da Estrela alternadamente, o que significava que na barra do Tejo, os navios se estavam a perfilar para um bloqueio a Lisboa.

Lembrava-se muito bem de como o Rei dom Carlos tinha recebido a carta do ultimato inglês. Estavam juntos em Queluz, poucos meses após a morte de dom Luís. A carta viera trazida pelo embaixador britânico e exigia uma série de remissões a Portugal, por conta de um suposto incidente com o Capitão Serpa Pinto em território de Moçambique, disputado por portugueses e ingleses. Os britânicos tinham ficado formalmente contra Portugal, desde o momento em que, na Conferência de Berlim, o emissário português apresentara o mapa cor-de-rosa. Dom Carlos, apesar dos conselhos dos mais chegados, optara por ignorar os sinais que chegavam do exterior, desafiando os ingleses. Tinha quase a certeza que isso poderia custar a soberania a Portugal, porque o reino estava muito debilitado, económica e humanamente. Contudo, esperava que este bloqueio servisse para dar um golpe aos ingleses, e acabar por os levar a revelar informações sobre um

assunto que interessava grandemente a Portugal há séculos. Contava, por isso, com o melhor dos seus capitães e dos seus espões.

Francisco retirou do pescoço o fio de prata, onde pendia o medalhão que pertencera à sua esposa, e dentro do qual estava o seu retrato. Amélia tinha morrido muito nova, vítima de uma grave gripe, e Francisco tinha cuidado sozinho da filha Constança, até ao dia em que a rainha-mãe tinha pedido para que a pequena fosse criada no Paço. Tinha-se tornado numa excelente aprendiz, e estava a tornar-se agora numa bonita mulher. Era aos seus ouvidos que a rainha dona Amélia confessava os seus males, tanto em Lisboa, como fora do Paço.

A pequena estava cada vez mais parecida com a mãe. O retrato, no interior do medalhão, sorria e Francisco sorriu-lhe de volta, saudoso. Fechou-o e colocou-o dentro do envelope. As palavras escritas naquele cartão da marinha ardiavam na sua mente.

*“Constança, o que quer que tenha de acontecer, guarde o medalhão e esta caixa. Um dia virá em que se irá lembrar de mim e recordar-me. Se tiver perguntas, as cartas que aqui ficam dentro poderão esclarecê-la. Nunca abandone Suas Majestades, que poderão precisar de si. Se os ingleses nos derrotarem, Deus nos livre, fuja o mais depressa que as suas forças permitirem e não pare senão na Fortaleza de dom Jaime. É para lá que rumarão os nossos amigos, e é lá que se reunirão. O momento chama-me, e o serviço de Suas Majestades assim mo exige. Carinhosamente, o seu pai. Francisco Costa.”*

Acontecesse o que tivesse de acontecer, e mesmo que fosse o pior, Constança ficaria na posse do medalhão e das cartas que estavam dentro da caixa, cartas contendo preciosas informações, recolhidas há anos em bibliotecas e conventos abandonados. Havia meses que a Irmandade trabalhava nos interesses portugueses nas várias colónias africanas. Francisco sabia que o que ali estava escrito poderia parecer estranho a Constança, mas de certeza que veria as cartas como testemunhos das suas viagens. A informação estava ali cuidadosamente registada, desde que se tinham levantado as primeiras suspeitas e esperava sinceramente que a sua filha as lesse e que lhe despertassem instintos de curiosidade, a ponto de questionar-se porque existiam.

Francisco fechou a caixa, pousando o envelope com a mensagem curta. Apanhou um outro envelope, e mais um cartão com as insígnias da marinha real, e escreveu com a mão tranquila, apesar do tumulto que crescia lá fora. As palavras saíam-lhe, fluentes:

*“Hoje, um de nós regressa a Inglaterra, onde tudo começou quando éramos jovens. O que fica do meu lado, fica protegido em mãos seguras. Assegura-te que o que tens de teu, fica do mesmo modo. E, por favor, vai buscar o rapaz antes que seja tarde demais. Esconde-o, protege-o. Se as informações que temos não nos falham, é ele quem procuramos. Sabes onde me encontrar se a situação se descontrolar. A seu devido tempo, envia-o para mim, para que o ensine. Teu irmão, na graça de Deus.”*

Assinou a carta com o seu nome, fechou-a no envelope pequeno e escreveu simplesmente “Jerónimo”.

Ajeitou uma última vez a farda e olhou em redor, antes de sair calmamente do seu quarto. Sobre a cabeceira ficava o livro que tinha despertado nele toda a curiosidade, que motivara o seu percurso na Irmandade da Cruz Santa. Era um largo tomo, onde ainda se podia ler com letras góticas bem trabalhadas o título “Odisseia de Marinheiros”. Francisco sorria ao lembrar-se o quanto contrastava aquele título gravado a letras douradas sobre o verdadeiro título do livro. Descobrira-o por acaso na Biblioteca Real de Westminster em Londres e tinha-se tornado um companheiro e uma obsessão, especialmente por causa da carta que caíra do seu interior quando o abria pela primeira vez: uma carta da rainha de Inglaterra e Portugal, dona Catarina de Bragança, onde o seu irmão, dom Pedro, lhe falava de um tesouro.

Francisco guardara a carta no seu arquivo de Evoramonte e o livro regressara consigo a Portugal, andando sempre com ele, onde quer que fosse. A forma como o Padre António Vieira falava na “História do Futuro”, determinara o seu gosto pelo mistério, o qual se adensara anos atrás, quando ainda jovem e escudeiro de dom Luís, entrou para o serviço da Irmandade e formou-se brilhantemente entre espiões ingleses. Como eram diferentes os tempos, quando havia paz entre Portugal e Inglaterra e como se treinavam as elites juntas, sem perturbações e com a bênção dos reis de ambos os países. Mas o maldito mapa cor-de-rosa, essa jogada

imprevista de dom Luís, apesar de tudo o que de bom trazia para Portugal, mudou a forma como a família real portuguesa se relacionava com a inglesa. Esse mapa, apresentado anos antes na Conferência de Berlim, tinha sido a semente da discórdia entre os dois países, porque unia as colónias de Angola e Moçambique por terra, numa faixa, cruzando os interesses ingleses a meio.

Durante o seu treino em tempos de paz, Francisco fora sempre entusiasta de longos períodos de concentração em leituras na biblioteca, e foi lá que um dia encontrou o livro que o perturbara, na secção dedicada à literatura portuguesa. Era este um dos muitos livros proibidos por Pombal, após o terramoto, que recomeçavam agora a encontrar a luz do dia. Durante anos, fora especialidade de Pombal e dos seus emissários, esconder a literatura que considerava subversiva, um tomo quase profético sobre um país que estava dominado por castelhanos.

Lá fora, os sinos tocavam com urgência, trazendo Francisco de regresso ao presente. Saiu do quarto, silenciosamente, e viu que na cozinha brilhava uma luz. Ofélia devia estar a preparar o café da manhã, àquela hora da madrugada. Antes de ir para a cozinha, abriu a porta do quarto de Constança. Entrou e olhou-a a dormir profundamente. Beijou-a na testa e ela remexeu-se, ligeiramente, sem acordar. Francisco voltou a sair, fechando a porta muito devagar. Seguiu para a cozinha e pediu à rapariga que descesse até à rua para mandar preparar um trem que o levasse até ao Arsenal da Marinha. Comeu tão tranquilamente quanto possível, e mal a rapariga voltou, percebeu que estava finalmente na hora de partir.

– Ofélia, tome conta de Constança. Aconteça o que acontecer, tente que ela não se sobressalte. Deus fique convosco. Faça, por favor, com que ela guarde o que deixo no meu quarto. E que não se esqueça de nada. – Retirou do bolso do seu casaco um envelope e estendeu-o a Ofélia. – E por favor, entregue este ao mestre marceneiro da Rua de São Julião. Ele saberá do que se trata.

– Obrigada, senhor dom Francisco, assim o farei – respondeu-lhe a rapariga, não escondendo uma lágrima e a sensação de medo, pela urgência que os sinos transmitiam, redobrando um pouco por toda a cidade.

– Não precisa de temer, Ofélia. Tudo se há de resolver pelo melhor e,

Deus nos guarde se ao final deste dia, a bandeira de São Jorge for hasteada na Ajuda ou no Castelo.

Francisco desceu as escadas e saiu para a rua. Havia por todo o lado gente que corria, ao ritmo dos sinos que tocavam. Uma leiteira corria de porta em porta e um aguadeiro, com as bacias de barro penduradas no lombo de um burro, atravessava a rua, para o lado das Amoreiras.

O trem já o aguardava à porta. Francisco subiu o degrau e sentou-se com todo o aprumo atrás do cocheiro, ajeitando a sobrecasaca sobre a sua farda. Mal arrancou, Francisco olhou uma vez mais para trás, para as janelas de sua casa. Sentiu como se não fosse voltar a este lugar, e desviou o olhar, antes que uma lágrima afluísse aos seus olhos. O trem, tão rápido quanto era possível, desceu a Rua da Patriarcal Queimada e a Rua do Moinho de Vento em direção ao Largo de São Pedro de Alcântara. Ficava aos poucos para trás, toda uma cidade que acordava sobressaltada com os sinos das inúmeras igrejas.

Desceram pelo Largo do Loreto e pela Rua do Alecrim em direção à Praça dos Remolares e ao Arsenal da Marinha. O trem deteve-se junto à porta de armas e Francisco desceu. Entregou um par de moedas ao cocheiro que prontamente arrancou, procurando colocar-se em segurança o mais longe que fosse possível do rio.

Francisco transpôs o arco da porta de armas, entrando no edifício, e foi imediatamente saudado por inúmeros marinheiros que ali se encontravam e que se preparavam para o confronto com as tropas inglesas.

– Bom dia, Almirante – cumprimentou, dirigindo-se ao oficial de mais alta patente que no meio da praça de armas comandava as tropas que ali se concentravam e que continuavam a chegar de todos os lados da cidade.

– Bom dia, Francisco. Más novas nos unem hoje de novo. Os sinos não param de tocar desde as duas da manhã, quando se avistaram as bandeiras inglesas para os lados da Ericeira – respondeu o homem. – Por esta hora, o navio almirante dos ingleses já se estará a posicionar em frente a Cascais.

– Sabíamos que isto iria acontecer desde que o nosso bom rei recebeu o ultimato. As baterias estão preparadas do lado de São Sebastião da Caparica, Almirante?

– Sim, Francisco. Assim como os canhões do forte de Belém e os da

Fortaleza de Cascais. Ao primeiro sinal de ataque inglês, as nossas armas irão disparar na mesma proporção. Esperemos que os barcos ancorados hoje, não precisem de levantar vela.

– É o melhor que podemos esperar, Almirante. Que seja apenas o meu navio a levantar ferros e a aproximar-se da armada inglesa. O nosso plano está em marcha.

O Almirante, apenas um par de anos mais velho que Francisco, pertencia, tal como ele, ao grupo de espões altamente treinados, sob as ordens do Duque de Bragança. A Irmandade da Cruz Santa, como era conhecida, era uma velha organização, tão antiga quanto a memória dos homens que a fundaram, nos tempos de Sebastião José de Carvalho e Melo. Treinava os melhores espões entre as suas fileiras, com uma impressionante rede de contactos, tanto na Europa, como nas colónias. Tinha sido inicialmente criada como uma ordem religiosa, por forma a ocultar a sua existência. Contudo, o mesmo Pombal que a formara, fizera assinar o tratado de extinção das Ordens Religiosas em Portugal, o que precipitou a sua transformação em ordem de cavalaria e posteriormente em organização secreta, durante a Guerra Civil que assolara o país durante os tempos de dom Pedro e dom Miguel.

Nessa altura, e não sabendo por qual dos lados lutar, iniciou-se o declínio da organização, com inúmeras separações que culminaram num enorme golpe com a queda do Porto e com as explosões de Gaia, que arruinaram a maior parte dos mestres, ligados aos negócios com vinhos do Porto. Finda a guerra e com a prole de dom Pedro novamente no trono de Portugal, o país viria a conhecer importantes progressos. Mas a Irmandade definhava lentamente. Quase todos os seus segredos foram perdidos no episódio da Ribeira do Porto, os mestres dispersos e apenas um punhado permaneceu fiel ao seu rei. Como recompensa, dom Pedro estabeleceu novos princípios para a sua reforma. Estabeleceu, definitivamente, o seu carácter de organização de treino para a elite portuguesa, e definiu que a Irmandade devia permanecer semi secreta, para que todos soubessem da sua existência, mas não dos seus números, reservados exclusivamente ao mestre e ao rei.

Depois de anos de reforma e de purgas internas, a Irmandade estabele-

zou-se em torno das regras de dom Pedro. A sua morte abalou a organização ainda em crescimento, que rapidamente se recompôs com a chegada de dom Luís ao trono. O príncipe tinha sido formado pelos mestres da Irmandade e, com a sua ascensão, finalmente conheceu o progresso. Assinaram-se novos acordos entre os vários poderes europeus, foi legalizada como uma guarda régia privilegiada e permitiu que o Grão-Mestre ou um seu nomeado tivesse assento no conselho do rei de Portugal. Dom Luís fornecia assim os meios para a Irmandade se desenvolver, ao mesmo tempo que lhe dava a tecnologia nas comunicações pela mão de Fontes Pereira de Melo, que melhorava os telégrafos e as comunicações ferroviárias pelo país fora. Dom Luís forneceu ainda a organização com o seu estandarte, uma cruz com as pontas em forma de flechas, decorada nas cores do ouro e das pedras preciosas das colónias portuguesas. Dizia-se que com este símbolo se matava e se protegia, pois se por um lado a cruz era significado da proteção do reino de Cristo na Terra que era Portugal, a sua forma alongada assemelhava-se a uma espada, disposta a ferir e mesmo a matar os inimigos do reino. Este símbolo ainda hoje se encontrava na capela da torre de dom Jaime, a que os membros da Irmandade chamavam simplesmente o “ninho”. Neste período, estabeleceu-se o acordo com a Inglaterra, que permitiu que homens de ambos os lados treinassem em conjunto, facilitando por um lado os contactos e por outro endurecendo a disciplina que tinham em conjunto. Durante anos, treinaram-se assim, os mestres da Irmandade da Cruz Santa.

Francisco Costa fora um deles e partira ainda jovem para Inglaterra. Criança estudiosa, descendente de antigas famílias nobres, cedo mostrou ter qualidades que o colocavam acima de muitos. Leitor assíduo dos clássicos, conhecia como ninguém os Lusíadas. Ainda adolescente, e a convite do Grão-Mestre da Irmandade partiu para Inglaterra, onde lhe foi permitido estudar na biblioteca real, privilégio apenas concedido a muito poucos entre os nobres. Regressou alguns anos depois, decidido a aprofundar o seu conhecimento sobre aquilo a que chamava as matérias internacionais. Descobrira, fascinado, a história de Catarina de Bragança e o tratado assinado entre Portugal e Inglaterra. E descobrira a profecia do Quinto Império, tornando-a sua, por teimosia.

De novo em Evoramonte, foi chamado para ajudante do Grão-Mestre, o que o auxiliou na tarefa de pesquisar a biblioteca da Irmandade. Ali descobriu interessantes ligações e segredos até então ocultos. A sua dedicação ao Grão-Mestre era tanta, que este no leito da morte, mandou que os mestres reunidos à volta da sua cama aceitassem o jovem Francisco como seu sucessor. E, no suspiro final, entregou-lhe a chave da biblioteca secreta e as chaves da Fortaleza de Evoramonte, como sinal da passagem do testemunho. Muitos dos mais velhos mestres ficaram descontentes e escolheram abandonar a Irmandade, servindo quem melhor pagasse pelos seus conselhos, e pelos seus serviços.

Os primeiros meses de Francisco foram passados a lidar com o jovem rei dom Luís e com os dissidentes, que contabilizaram quase metade da Irmandade, e que desertavam principalmente para o perigoso lado dos republicanos que agora ganhavam novos partidários, sobretudo devido à crise provocada pelo ultimato inglês. Ficavam contudo os melhores e os mais experientes, e graças a eles, conseguiu manter a Irmandade nos seus moldes. Mas hoje, Francisco, e tantos outros, continuava a envergar uma segunda pele. Aquela que era a oficial e que todos reconheciam nas ruas, o que significava vestir a pele de capitão da marinha de guerra, após tantos anos na marinha mercante.

– Meu Almirante, qual é o navio que me destinaram?

– Irás comandar o Nautilus, Francisco, a mando do próprio dom Carlos. Está embarcada a bandeira. Tens a teu cargo, chegar ao contacto com o navio almirante dos ingleses. Conheces as tuas ordens, conheces a missão. Os teus homens, como de costume, já estão todos embarcados.

– Todos os homens, Almirante? Todos os meus fiéis discípulos?

– Todos, Francisco. Todos os que solicitaste ao teu serviço e que estão bem a par da missão de que os incumbiram.

– Se assim é, parto sem mais demoras.

– Deus vos leve em bem, Francisco.

– Deus nos acompanhe a todos hoje, Almirante.

Francisco atravessou o jardim frente ao rio e dirigiu-se ao cais de embarque. Lá estava ancorado, o iate Nautilus, um dos mais rápidos e favoritos de dom Carlos, já preparado para se fazer ao mar. Quando se apro-



ximou, viu que os homens estavam já perfilados a aguardar a sua chegada. E sorriu, ao ver que eram os seus favoritos que o acompanhavam.

Subiu a bordo, saudando os homens e disparando as ordens à medida que caminhava. Era conhecido pela sua temeridade, mas também pela sua teimosia e determinação. Ninguém lhe faltava ao respeito, e todos seguiam os seus comandos, sem hesitar.

– Matias, Guilherme, Gualdino, acompanhem-me. – Caminharam juntos até à cabina do capitão. – Vocês sabem bem o que nos espera hoje. Foram treinados para isto durante as vossas vidas. Foi para este momento que eu vos acompanhei e insisti nos vossos exercícios. Não se desviem por nada dos caminhos que vos forem traçados, e nenhum de vocês falhará.

Todos eles eram mais novos que Francisco, entre vinte a trinta anos.

– Mestre Francisco, o perigo é simplesmente enorme – disse-lhe Guilherme. – Sabe bem que a mais pequena falha nos pode pôr a todos em risco. E não só a nós que aqui estamos a bordo do Nautilus, mas a toda a Irmandade e sobretudo a todo o reino.

– Sei sim, Guilherme, e é por isso que confio em vocês e que vos pedi que me acompanhassem. Desde o início que vocês foram muito chegados e, por isso mesmo, confio que se apoiarão em todos os momentos, aconteça o que acontecer. Em Evoramonte, foram ensinados a respeitarem-se como irmãos, a defenderem-se como irmãos e a protegerem-se como irmãos. É isso que farão hoje.

– Então, seguimos as ordens traçadas pela Irmandade? – perguntou Matias, o mais novo e mais impulsivo de todos.

– Sim, temos de o fazer, Matias. Porque disso depende a nossa pátria – suspirou, continuando. – Gualdino, comanda a saída do porto. Traça uma rota em direção ao Forte de São Julião, porque se os ingleses vêm a caminho, não deverão atacar simplesmente Lisboa. Eu acredito num cerco por via marítima que nos impeça de entrar e sair no porto, mas não acredito num ataque direto e frontal que não é o seu género. Matias, prepara os homens, não deixes que nenhum interceda fora das ordens que tem. Agora vão, e preparem-se para nos fazermos ao mar. – Ao saírem da cabina de Francisco, ainda acrescentou. – Guilherme, deixa-te ficar por mais uns momentos.

Gualdino e Matias saíram, dirigindo-se aos seus postos. Guilherme voltou para trás, encarando Francisco.

– Sim, Mestre? Que mais desejais de mim?

– Pedir-te uma coisa que não deverá ficar registada. Senta-te por favor. – Guilherme sentou-se na frente de Francisco, que continuou. – Não sabemos quem comanda a frota inglesa, mas suspeito de alguém que conhecemos muito bem. Preciso que te juntes aos ingleses, mesmo que sejas obrigado a levá-los a pensar que trais os portugueses. Junta-te a eles, aprende com eles, dá-lhes a acreditar aquilo em que eles quiserem acreditar. Há anos terias sido escolhido para ir livremente para Inglaterra prosseguir os teus estudos e continuarias lá o meu trabalho sem interrupções. Agora, temos de conseguir que te infiltres. Se os ingleses que nos bloqueiam, aceitarem a minha proposta, irei eu, e tu regressas com o propósito de continuares a informar-me. Se não me quiserem, é a ti que vão escolher. Peço-te que nessas condições, sejas capaz de fazer tudo o que tiver de ser feito para que me ajudes a desaparecer, ao mesmo tempo que permaneces com os ingleses. Se tudo correr bem, vais ser colocado em Westminster e, a partir de lá, vais poder continuar a informar-me.

– Mestre, mas isso... é traição. Podem mandar-me matar sob essa acusação – gaguejou.

– Eu sei, Guilherme, e é por isso que o peço somente a ti, e que o não digas a ninguém. Este plano foi traçado por mim e pelo mestre Henrique, com quem deves comunicar na minha ausência.

– Com o mestre Henrique... mas ele está...

– Na corte espanhola, sim. E dispõe de um canal seguro, que conheces. Deves comunicar apenas com um de nós, que o outro saberá imediatamente. Como compreendes, eu hoje desapareço para continuar com o meu trabalho livremente. Faz parte do nosso plano oficial. Apenas vocês três sabem disso. Tu, Gualdino e Matias. Mas a tua “traição” será apenas do meu conhecimento e do Henrique. Estamos entendidos?

– Sim, Mestre. Mas porquê confiar-me esta missão?

– Porque acredito em ti.

Francisco recordava os bons tempos passados em Evoramonte, ensinando estes recrutas, e a forma como eles se destacavam dos demais.

Para cada um destes jovens, o dia de hoje deixaria uma marca severa com que teriam de aprender a viver, já que cada um deles passaria a mestre. Francisco saiu da sua cabina e viu que o navio abandonava o porto. Viu a bandeira portuguesa hasteada, e sobre ela a bandeira branca, que simbolizava o pedido de diálogo aos ingleses.

Ao longe, sobre o horizonte do imenso mar português, começava a clarear a madrugada, sendo visível pela primeira vez, a dimensão da frota inglesa presente na entrada da barra do Tejo. À medida que o barco avançava, Francisco reparava no elevado número de canhões e de navios portugueses prontos a partir atrás de si. Esperava contudo que isso não viesse a acontecer. Aguardava que os ingleses aceitassem a sua proposta e abandonassem o território de Portugal. Olhou para a margem, e viu como as construções em Lisboa se sucediam, ampliando a cidade numa escala nunca vista, desde que Sebastião José de Carvalho e Melo, o primeiro Marquês de Pombal, iniciara a reconstrução após o terramoto.

O navio velejava tranquilo, indiferente aos sentimentos dos homens a bordo. Francisco viu os sinos dos Conventos da Esperança e dos Inglesinhos, que não se cansavam de tocar. Toda ou quase toda a cidade de Lisboa estaria já bem acordada. Em breve também Constança acordaria e esperava que não tivessem de lhe dar a mais terrível das notícias. Apesar de não o deixar transparecer, sentia medo. Medo e ansiedade por um encontro que apesar de tudo, temia. Temia não regressar vivo, ou pior que isso, fracassar, frente a inimigos contra os quais não queria combater.

No Palácio das Necessidades, dom Carlos olhava nervosamente para o Tejo. Tinha passado a noite em claro e pedira aos seus conselheiros que o deixassem só. A sua armadura continuava pousada no mesmo suporte de sempre e esperava que não tivesse de sair de lá. Sabia que dependia do plano da Irmandade e que o homem certo para aquela missão seguia naquele minúsculo navio patrocinado por si. Era um iate veleiro rápido, só comparável ao “Amélia”, que emprestara para esta missão. Entregava as cartas de jogar nas mãos de Francisco, esperando que o tivesse feito com a segurança que isso implicava. Estava atormentado com a ideia de um

bloqueio inglês, mas sobretudo com uma perda de soberania que poderia ocorrer a qualquer momento, caso os ingleses se lembrassem de invadir Portugal, ou pior ainda, que obrigassem o reino a ter um acordo com Espanha. Perder o trono, reconquistado há quase trezentos anos, era perder o futuro e perder todo o poder que restara ao país. E desta vez, não podia fazer como dom João, o sexto, e simplesmente partir com a corte, à vista de tropas conquistadoras francesas, levando a bandeira de Portugal, pois o Tejo estava já coberto de navios que o impediriam e o forçariam a capitular. Restava pois, para isso, que Francisco triunfasse na sua missão.

O ‘Nautilus’ continuava a aproximar-se da frota inglesa. Francisco olhava para a margem esquerda e sentia as baterias do Forte de São Sebastião da Caparica com os olhos postos em si. Sabia que os militares tinham ordens claras para não dispararem, mas tudo poderia acontecer. A impressão de força estava bem patente entre as inúmeras almas que navegavam hoje sobre o Tejo. E dom Carlos tinha feito com que os homens entendessem isso mesmo. Portugal lidava diretamente com o leão inglês. Ou melhor, com a leoa, já que a rainha Victoria era sobejamente conhecida pela sua capacidade de realizar tudo o que pretendesse. O rei de Portugal tinha-a provocado com a questão africana e a rainha de Inglaterra respondia com um vigor que poderia parecer exagerado.

Olhou para a ponte de comando do navio e sinalizou que se reduzisse a velocidade. Até àquele minuto, os navios ingleses mantinham-se sem mostrar quaisquer sinais de hostilidade. Francisco fazia questão de navegar devagar para que se percebesse claramente que mantinha hasteada a bandeira de paz. Na sua frente, Gualdino e Matias manejavam as velas, aproveitando o vento para se aproximarem da enorme esquadra. Certificou-se que Guilherme estava junto de si. A tensão subia entre os portugueses, e de tão densa, quase se podia cortar com uma faca. Nenhum deles falava, mas todos eram capazes de sentir a angústia dos seus companheiros. Foi então que ao aproximarem-se da esquadra inglesa, ouviram uma voz vinda do convés.

– Bem-vindos, portugueses. Que buscam por estas águas? Estamos aqui para garantir que navio algum entre ou saia da capital.

Francisco sentiu retesarem-se os músculos. Respondeu tão alto quanto possível, num inglês irrepreensível:

– Procuo falar com o almirante responsável pela frota e apresentar-lhe o caso português. Vimos em missão de paz, determinados a terminar com este bloqueio sem derramamento de sangue ou perda desnecessária de vidas.

Durante uns instantes, que pareceram uma eternidade, esperaram por uma resposta, que veio passado pouco tempo.

– São autorizados a bordo do nosso navio, almirante, dois dos vossos representantes. Deverão fundear imediatamente e seguir num bote dos nossos.

– Assim faremos. Enviem-nos o bote para podermos seguir – respondeu Francisco. Olhando em redor, dirigiu-se aos seus homens e aos marinheiros que os acompanhavam. – Lancem âncora. Fundeamos aqui à vista de todos os olhos portugueses e ingleses, que estão postos sobre nós. Guilherme, vens comigo. Todos os restantes, mantenham-se em alerta após fundearem o navio. Procurem agarrar-se às armas, caso tenham de se defender, porque não sabemos com o que estamos a lidar. Espero voltar a ver-vos ao final do dia, mas se por qualquer motivo não regressar, saibam que foi um prazer servir convosco na Marinha Real.

Os homens mantiveram-se perfilados, imóveis, ouvindo atentamente o seu capitão. Francisco e Guilherme desceram a escada de corda, ao longo do casco do navio, entrando no bote. Ao afastarem-se do ‘Nautilus’, Guilherme olhou uma vez mais para cima. Matias parecia à beira de um ataque de choro, que ferozmente combatia, e que lhe deixava na cara um esgar de transtorno, enquanto mantinha na mão o ritmo nervoso de quem reza um terço. Gualdino com a altivez de sempre, permanecia com a face inescrutável e inexpressiva, especialmente agora, que pensava que Guilherme tinha sido escolhido por ser melhor do que ele.

Do convés, viram o pequeno bote a mover-se quando o sol se levantava definitivamente no horizonte. Matias foi o primeiro a afastar-se da amurada, passando as costas da mão pela cara para secar umas lágrimas que teimavam em cair, apesar do esforço para as conter.

– Está feito, e os dados estão lançados – disse, enquanto guardava o terço numa pequena bolsa que mantinha afivelada na cintura.

Gualdino virou-se na sua direção.

– Não consigo compreender os motivos do mestre para não me escolher para o acompanhar. O Guilherme estava muito menos preparado do que eu...

– A questionar ordens do mestre, Gualdino? Se ele escolheu o Guilherme em vez de um de nós, tem as suas razões. Temos a nossa missão a cumprir – repreendeu-o Matias.

Francisco e Guilherme subiram à embarcação inglesa. O almirante, um sujeito bastante magro e emproado, com a característica fleuma britânica, veio recebê-los ao cimo da escadaria na amurada.

– Pela graça de Sua Majestade, a rainha Victoria, vos recebo. Sou Lorde Wasle e comando esta frota. E vós, quem sois e o que oferecem?

Francisco dirigiu-se ao homem.

– Saudações, Almirante. Eu sou Francisco Costa, Capitão da Marinha Real de Sua Majestade, el-rei dom Carlos, o primeiro de Portugal, e trago até vós um documento com o reconhecimento por parte do nosso reino, às vossas exigências. – Francisco colocou ênfase na palavra. – Como oferta de boa vontade, ofereço-vos a minha pessoa, de acordo com o selo real presente neste documento. – Entregou ambos os papéis ao Lorde Wasle, que os recebeu e se virou de costas, para os ler.

– Pois bem, se assim é, tenho ordens da rainha para fazer cumprir os seus desejos. Pelo amor que a rainha Victoria tem a este país e aos seus familiares que o governam, o reino de Inglaterra reconhece a soberania portuguesa sobre os seus territórios continentais e insulares descritos no documento, mais aqueles que fizeram parte da oferta a dona Catarina de Bragança, selando a união entre os dois países. Portugal obriga-se a retirar imediatamente dos territórios africanos de domínio inglês – o almirante fez uma pausa, prosseguindo pouco depois –, quanto à vossa vida, e porque nós sabemos bem o quanto pouco ela vos vale, Mestre Francisco, iremos manter connosco o homem que o acompanhou.

Francisco olhou para Guilherme, e depois para o Almirante.

– Caso não esteja familiarizado, Lord Wasle, o rapto é punido por leis severas em ambos os países. O acordo é claro, inclui-me a mim, e não a um subordinado.

O homem sorriu-lhe de volta.

– Bem sei, Mestre – disse-lhe o inglês, troçando e mostrando ao mesmo tempo que sabia muito bem quem era Francisco –, mas como deve entender, a vossa vida de pouco vale, ao passo que o vosso acompanhante é jovem. Acredito que tem o mesmo treino que vós nas artes da espionagem, e que fará muito sucesso no meu país. Agora, deverá juntar-se aos vossos homens e rumar de regresso a Lisboa, dando conta de que a frota inglesa se retira.

– E que garantias me dão de que vão realmente retirar? – perguntou Francisco.

O almirante rodou sobre os calcanhares e gritou a plenos pulmões.

– Deem ordem à frota para que disperse. Levantar ferros! – E voltando-se de novo para Francisco, disse-lhe: – Aí tendes as vossas garantias. Agora, Capitão, é tempo de se retirar. Só mais uma coisa – disse, esticando o braço e observando as condecorações de Francisco –, sei que foi condecorado por dom Luís. Eu estava lá, na Cidadela de Cascais, nesse dia, enquanto embaixador em Portugal. – Francisco não se lembrava de alguma vez ter visto a cara de Lord Wasle, mas o inglês prosseguiu. – Estas insígnias são apenas meras decorações, que servem para mostrar o poder que se tem. – E arrancando-lhas do peito, continuou. – Os vossos homens olharão para um capitão sem condecorações. Um homem, tal como eles.

Francisco respirou fundo, suportando a humilhação. Olhou para Guilherme, sorrindo discretamente, indicando que o plano corria como tinham planeado. Este abraçou-o na despedida, dizendo-lhe:

– Até breve, mestre.

Francisco desceu de novo até ao bote, e Guilherme ficou encostado na amurada a vê-lo afastar-se. Quando o bote já se encontrava a uma boa distância, Guilherme olhou em redor e lançou-se para apanhar uma pequena canhoneira que lhe permitisse acertar no barco. Fez pontaria e disparou. A bala de canhão atingiu o bote, afundando-o de imediato, com Francisco a bordo. Quando pousou a arma, já tinha sido dominado por três marinheiros ingleses, que o mantiveram agarrado e preso, com a cara contra o chão e mãos atadas. Enquanto isso, ele gritava:

– Por Inglaterra, e pela rainha Victoria!

Do lado do ‘Nautilus’, Gualdino não acreditava no que via. Francisco morto a tiro, disparado por um traidor como Guilherme, em quem ele confiara plenamente. Tomou o comando do iate, e ordenou que os homens se posicionassem. Mas em menos tempo, os ingleses reagiram e apontaram uma bateria de canhões ao iate, afundando-o quase de imediato.

Matias agarrou em Gualdino e atirou-o para um bote na cauda do iate, saltando para lá de seguida. Cobriu os dois com a lona, fazendo todos os possíveis para acalmar o seu companheiro, que não se cansava de chamar traidor a Guilherme. Como era possível? Acabar assim com Francisco, quando ele pretendia assumir um lugar de destaque na corte e continuar o trabalho de espião.

Passaram apenas alguns minutos até o barulho dos disparos cessar por completo. Gualdino e Matias deixaram-se ficar, cobertos pela lona, de forma a não serem apanhados.

Quando achou que havia passado tempo suficiente, Matias levantou-se e reparou que o bote, levado pelas correntes do Tejo, se tinha aproximado de terra. Estavam a poucos metros da Trafaria, e bastaram algumas remadas para chegarem à areia. Em toda a barra do Tejo já não havia barcos. Nem ingleses, nem portugueses. O traidor tinha desaparecido.

Doíam-lhe as pernas e os braços, mas sobretudo o peito, pelo esforço de ter nadado durante tanto tempo. Francisco chegara à praia, e seguindo pela sombra, caminhou até ao palácio. Aguardou que as sentinelas rendessem para dar uma corrida até ao portão. Escondeu-se por trás de uma das guaritas, e mal a sentinela regressou ao posto, subiu o mais oculto possível a rampa de acesso aos jardins. Quando chegou à porta, o camareiro real aguardava-o.

– Pensei que não o conseguisses. Não imaginava que quisesse fazer as coisas desta maneira, Francisco. As notícias que aqui chegaram foram aterradoras e mandámos de imediato avisar Constança e Ofélia...

Francisco atirou-se para a cadeira da entrada.

– Tudo programado ao segundo, Vicente. O tempo e as pessoas necessárias, dando-lhes a entender o que se queria. Agora, preciso com urgência, de falar com dom Carlos.

– Audiência privada? – perguntou o camareiro.

– Por favor, e se puder ser sem outras presenças que não as nossas, seria excepcional – respondeu Francisco, enquanto se levantava e subia a escadaria com Vicente.

– Seja então assim, Francisco. Não há mais ninguém no palácio a esta hora e, por isso, não será difícil fazer com que seja à tua vontade.

Enquanto ele se retirava, por detrás de uma cortina de veludo vermelho que ocultava uma porta branca coberta de intrincados desenhos dourados decorados com os brasões da família real, Francisco chamou-o.

– Vicente, de hoje em diante, e por favor, em qualquer documento ou onde tiver de ser, trate-me simplesmente por ‘Grão-Mestre’. E mantenha o olhar atento sobre Constança. Proteja-a a todo o custo, não quero que nada lhe aconteça. Discretamente colocarei homens de confiança no Quartel de Cavalaria de Queluz.

O camareiro-mor do reino anuiu com a cabeça, e desapareceu atrás da grossa cortina.